



Homenagem a Jorge de Sena

«Não passam, poeta, os anos sobre ti.»





Abertura

JORGE DE SENA, MEU AMIGO

Cleonice Berardinelli*

A Mécia de Sena

Foi Fernando Pessoa – que me chegou às mãos pelas de Thiers Martins Moreira – que me deu a conhecer Joel Serrão e Jorge de Sena, nas edições das *Cartas a Côrtes-Rodrigues* e de *Páginas de Doutrina Estética*, em que estes o estudavam com competência e acuidade. Era a primeira vez que os lia e a ambos passei a admirar, interessada em conhecê-los.

Hernâni Cidade me apresentou pessoalmente a Joel e este me propiciou uma ida a casa de Jorge. Dias depois, telefonar-me-ia, dizendo que Jorge nos aguardaria em casa, pelas 9 horas da noite – o engenheiro Jorge de Sena chegava bastante tarde da repartição. Recebeu-nos com simpatia e tivemos a ocasião de conhecer um dos homens mais interessantes que nos foi dado encontrar – e recupero o sentido etimológico da palavra: «interessante» é o que interessa, o que desperta interesse, substantivo este que se origina dum verbo *interessar* (*inter esse*) = estar entre, estar presente, diferenciar-se –; dificilmente encontraremos outro adjetivo que melhor defina Jorge de Sena. Na verdade, quanto mais o ouvíamos falar, mais o sentíamos como aquele que, nos mais variados campos do conhecimento, está sempre *entre, dentro, conhecedor e indagador*; aquele que, em todos os momentos e situações, está *presente e participante*; aquele que, em meio aos outros, se diferencia por uma marcada personalidade, pela independência de posições, pelo desassombro de opinião; estávamos diante de um interlocutor de espantosa erudição, de um agudo senso crítico, por vezes bastante cáustico, mas não injusto. Nesse mesmo ano ele se mudaria, com a família, para o Brasil.

* Professora emérita da UFRJ e da Puc-Rio, membro do Conselho da Cátedra Jorge de Sena da UFRJ e titular da cadeira número 8 da Academia Brasileira de Letras.



Não foram muitos os nossos encontros: em Assis ou em Araraquara, os Senas ficavam muito longe do Rio de Janeiro.

Trouxemo-lo para fazer conferências em nossa Faculdade. A receptividade dos estudantes foi total. Sempre muito interessados em conhecer e ouvir nossos convidados portugueses, eles tinham uma certa dificuldade em entender-lhes a palavra oral. A excelente dicção de Sena, a apropriada entonação que dava às palavras e às frases, o interesse despertado pelo que dizia, o magnetismo da sua presença contribuíram para tornar clara a recepção da sua fala e provocar no auditório perguntas e observações pertinentes. Ele ficou satisfeito com o acolhimento e o retribuiu respondendo longamente a todos, abrindo-lhes mais caminhos para a reflexão, excitando-lhes a inteligência.

Um dos primeiros livros que me ofereceu, em setembro de 1959, tem uma dedicatória em que menciona esses encontros: «À Cleonice Berardinelli, com a melhor amizade, e sentado em sua ‘cátedra’, como lembrança de umas lições inolvidáveis para mim.»

A «cátedra» a que se referia era a minha cadeira giratória, no meu escritório, onde se sentava para preparar as suas palestras. Almoçava conosco e tínhamos longas conversas. Lembro-me de um dia ter-se começado a falar de música, de que era grande conhecedor, impressão que se confirmou, anos mais tarde, em agosto de 1968, quando recebi, provindo de Madison – e afetuosamente dedicado «A Cleonice e a Álvaro, com o abraço muito amigo do sempre vosso Jorge de Sena» – o volume recém-publicado de *Arte de Música*, composto de trinta e quatro poemas escritos (informa o poeta) em sua quase totalidade, nos «últimos dois anos e três meses que viv[eu] no Brasil». Esta informação, e muitas outras, vêm num «Postfácio», seguido de «Notas aos poemas», ambos muito elucidativos da relação entre o poeta e a música, e entre esta e a poesia.

Ambos tínhamos tido uma mesma ou semelhante preparação musical, e até o mesmo sonho de um dia ser virtuosos do piano, que acabou por ser frustrado. Mas a paixão, nele e em mim, continuou. E nele, poeta excepcional, algumas músicas de sua predileção (da minha, também, quase todas) metamorfosearam-se em poemas dessa belíssima *Arte de Música* que se abre com «La cathédrale engloutie», de Debussy, que ele ouviu pela primeira vez no rádio. O que ele ouviu foi

uma série de acordes aquáticos, que os pedais faziam pensativos,
mas cujas dissonâncias eram a imagem tremulante
daquelas fendas ténues que na vida,
na minha e na dos outros, ou havia ou faltavam.

O ouvi-la foi-lhe uma revelação: «Eu nada sabia de poesia, de literatura», escreve ele. E acrescento eu: foi um momento de Epifania, recuperada no poema bastante longo, que termina com uma bela oitava, de que cito os primeiros versos:





Ó catedral de sons e de água! Ó música
sombria e luminosa! Ó vácuca solidão
tranquila! Ó agonia doce e calculada!

Além da música, mais uma paixão nos aproximava: o culto a Camões. Jorge escreveu sobre o Poeta um número significativo de textos por ele reunidos sob um título altamente expressivo: *Trinta Anos de Camões – 1948-1978*, com um subtítulo: «Estudos camonianos e correlatos» publicados postumamente por sua viúva, Mécia de Sena, em 1980, em dois volumes que somam 636 páginas.

A sua tese de livre-docência, que seria publicada em janeiro de 1969, também versou substancialmente sobre o Poeta: *Os sonetos de Camões e o soneto peninsular*, obra de grande valor e, segundo o próprio autor, no Prefácio à edição, «a segunda na série de volumes dos meus estudos camonianos». A primeira, de 1962, editada em 1966, fora *Uma Canção de Camões*.

São ambas estudos de alta qualidade, pela originalidade das abordagens e pelo considerável volume de material bibliográfico levantado, analisado com seguro espírito crítico e indiscutível competência, conducente à aceitação ou rejeição dos diversos pontos de vista dos autores consultados. São consideráveis as suas longas notas, ricas em erudição. Não tenho receio de afirmar que Camões é o autor que mais estudou e sobre quem mais escreveu, e que considero Jorge de Sena um dos maiores camonistas do nosso e de todos os tempos. Por isso mesmo, foi seu nome o primeiro que me ocorreu quando, em 1975, consultada pelo diretor do Centro de Pesquisas da Fundação Casa de Rui Barbosa sobre a possibilidade de fazer uma edição dos sonetos de Camões, me veio o temor da empresa e o desejo de ouvir os mestres no assunto. Escrevi a Jorge de Sena, pedindo-lhe sugestões e respostas. Infelizmente, dele nada pude receber, pois, muito doente, estava segregado de toda espécie de atividade intelectual, o que lamentei profundamente, até porque por vezes divergi dele no estudo dos sonetos e disse-o na minha Introdução aos *Sonetos de Camões*, editados em 1980, pelas Fundações Calouste Gulbenkian e Casa de Rui Barbosa. Cito-me numa breve passagem: «Embora tenhamos o maior respeito por este admirável pesquisador, cuja inteligência e cultura serão dificilmente igualadas, nem sempre concordamos com suas decisões» e a seguir explico porquê. E confesso-lhes que, ao contradizê-lo, vinha-me sempre, muito forte, o desejo de que estivesse vivo, para que eu lhe pudesse apresentar esses desencontros, para que pudéssemos discuti-los, para que, talvez, ele me convencesse, por vezes, de que eu é que estava errada. Teriam sido uns bons debates, entre colegas e amigos que se estimavam e respeitavam. E é Mécia de Sena que me convence de que não sou pretensiosa ao julgar que estes sentimentos eram recíprocos quando releio a dedicatória com que me ofereceu o primeiro volume de *Trinta Anos de Camões*, por ela publicado naquele mesmo ano de 1980: «A Cleonice Berardinelli, a quem o Autor tinha amizade e respeito; que





por acaso tão comovente escreveu uma paralela dedicatória à deste livro; com um gratíssimo abraço.»

Mécia, quando fala em uma «paralela dedicatória», refere-se à que Jorge antepusera ao volume *Trinta Anos de Camões*, que preparara desde 1964, e tinha dedicado à memória de dez cultores de Camões, desde Garcia de Orta até Manuel de Faria e Sousa, justificando a escolha de cada um. Deste último diz que é «comentador da epopeia e das rimas, o primeiro e até hoje o maior dos críticos camonianos, apesar de todos os seus pecados de admirador e devoto do escritor máximo da língua portuguesa». Ora, eu não conhecia esta dedicatória, mas sabia da admiração de Jorge por esse grande camonista cujas qualidades, tão pouco reconhecidas, muito apreciava. Daí, a minha bem mais breve dedicatória:

*À memória de
Manuel de Faria e Sousa,
o grande injustiçado,
Jorge de Sena, que lhe fez justiça,
Thiers Martins Moreira, que começou esta edição.*

Assim compareceu Jorge de Sena no umbral do meu livro. Era a primeira homenagem que eu lhe prestava publicamente. Prestar-lhe-ia a segunda num curso de Pós-Graduação que ministrei no primeiro período de 1982 e no qual me dei a dupla satisfação de reler sua obra e de dar a meus alunos (alguns dos quais se tornaram meus colegas, que aqui estão – e destaco Gilda Santos, que lá encontrou, pela primeira vez, e com uma certa dificuldade de aceitação, o autor de quem se tornaria intérprete e divulgadora no Brasil, onde é, sem dúvida, *prima inter pares*) a oportunidade de travar conhecimento com um dos maiores poetas e ficcionistas do nosso século (no espaço de um semestre não houve tempo para estudar o ensaísta).

Em outubro de 1985, voltei a Santa Barbara (onde dera dois cursos durante o *Spring Quarter*), para participar de um Congresso no qual falei do ficcionista Jorge de Sena, ainda em botão, em dois contos de *Gênesis* – cuja invulgar qualidade procurei ressaltar. A apresentação desta comunicação em Santa Barbara foi a minha terceira homenagem ao amigo desaparecido.

Em companhia de Mécia, sua viúva, quis visitá-lo, no repouso de um cemitério sossegado, num túmulo verde e raso, em que depus, com afetuosa saudade, algumas flores frescas e perfumadas. Foi a minha quarta homenagem. A quinta foi a participação no Colóquio Internacional «Rotas Entrecruzadas», organizado por Gilda Santos, no Real Gabinete Português de Leitura, por ocasião do vigésimo aniversário da morte do polifacetado autor (1998).

Em 2003, um quarto de século depois da morte de Jorge de Sena, na Cátedra que tem seu nome, em nossa Faculdade, mais uma vez Gilda Santos – que





a fundou e regeu exemplarmente até 2005 – reuniu-nos para lembrá-lo e celebrá-lo. Pela sexta vez, prestei-lhe minha homenagem.

Hoje, celebrando os 10 anos da Fundação da Cátedra e os 50 anos da chegada de Sena ao Brasil, convida-me a sua atual regente, Teresa Cerdeira – que a mantém no mesmo alto nível em que a encontrou – [convida-me] a voltar a falar do meu saudoso amigo. Será esta a minha sétima homenagem. E espero não ficar por aqui.



